



Têco e os Ecos do Rio

João Álvaro
Nathan Arimatéa
Nikolas Franklin
Isabela Pereira
Luara Piccini

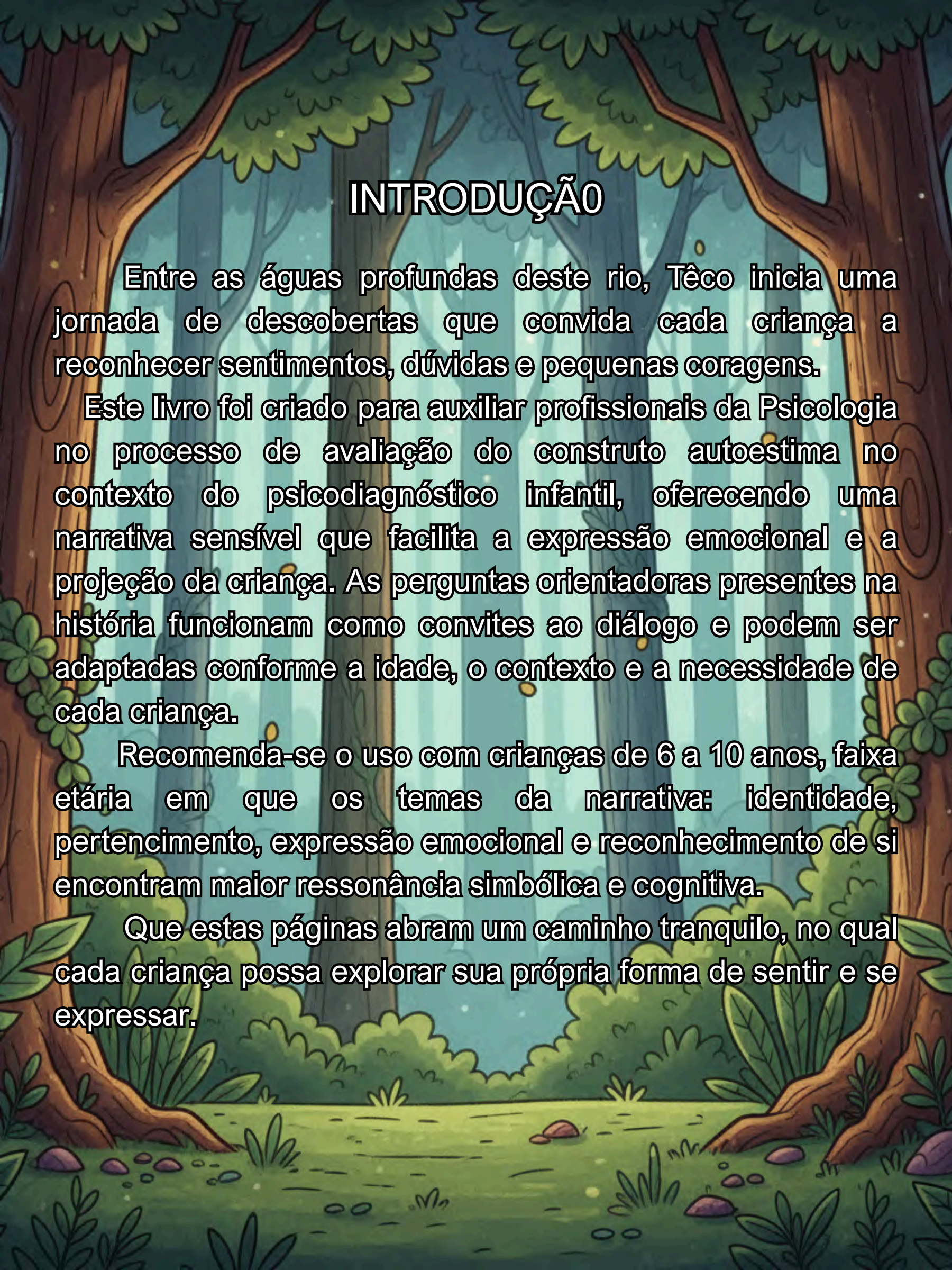


Autores:
Isabela Pereira
João Álvaro
Luara Piccini
Nathan Arimatéa
Nikolas Franklin

Ilustrações:
João Álvaro

Nota sobre a Produção:

O texto deste livro foi editado e diagramado com o apoio da ferramenta Canva. As ilustrações foram geradas por Inteligência Artificial Generativa (Google Gemini).



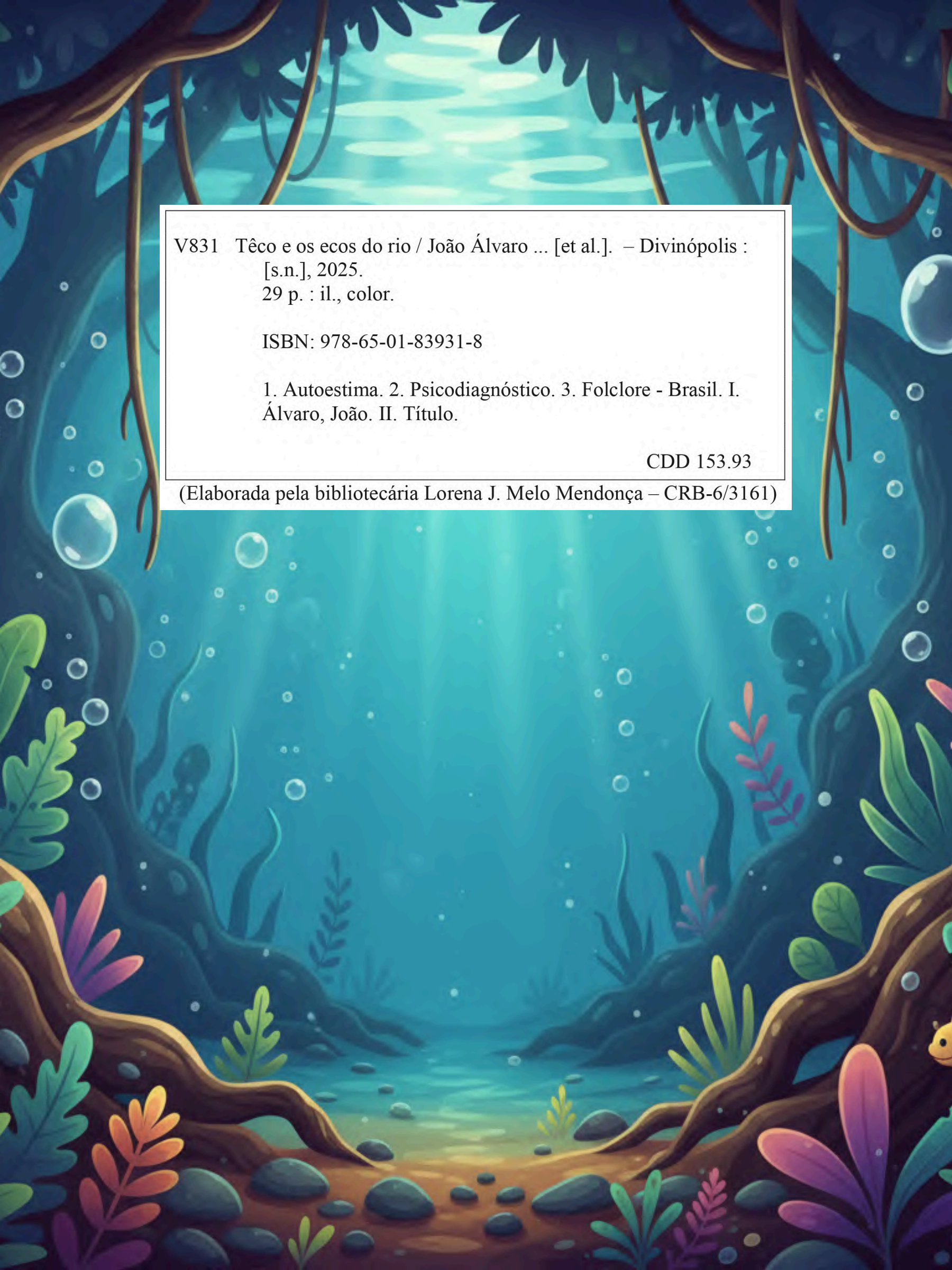
INTRODUÇÃO

Entre as águas profundas deste rio, Têco inicia uma jornada de descobertas que convida cada criança a reconhecer sentimentos, dúvidas e pequenas coragens.

Este livro foi criado para auxiliar profissionais da Psicologia no processo de avaliação do construto autoestima no contexto do psicodiagnóstico infantil, oferecendo uma narrativa sensível que facilita a expressão emocional e a projeção da criança. As perguntas orientadoras presentes na história funcionam como convites ao diálogo e podem ser adaptadas conforme a idade, o contexto e a necessidade de cada criança.

Recomenda-se o uso com crianças de 6 a 10 anos, faixa etária em que os temas da narrativa: identidade, pertencimento, expressão emocional e reconhecimento de si encontram maior ressonância simbólica e cognitiva.

Que estas páginas abram um caminho tranquilo, no qual cada criança possa explorar sua própria forma de sentir e se expressar.



V831 Têco e os ecos do rio / João Álvaro ... [et al.]. – Divinópolis :
[s.n.], 2025.
29 p. : il., color.

ISBN: 978-65-01-83931-8

1. Autoestima. 2. Psicodiagnóstico. 3. Folclore - Brasil. I.
Álvaro, João. II. Título.

CDD 153.93

(Elaborada pela bibliotecária Lorena J. Melo Mendonça – CRB-6/3161)

Têco nasceu no coração do rio Amazonas, perto de sua família da espécie Tucuxi.



Sua mãe, Ana, era muito protetora com seus filhotes. Sentia amor pelas águas, pelo ser humano e adorava passear pelo rio.

Seu pai era carinhoso e sempre desaparecia nas noites
de lua cheia.

Sumia nas águas, como se fosse parte delas.

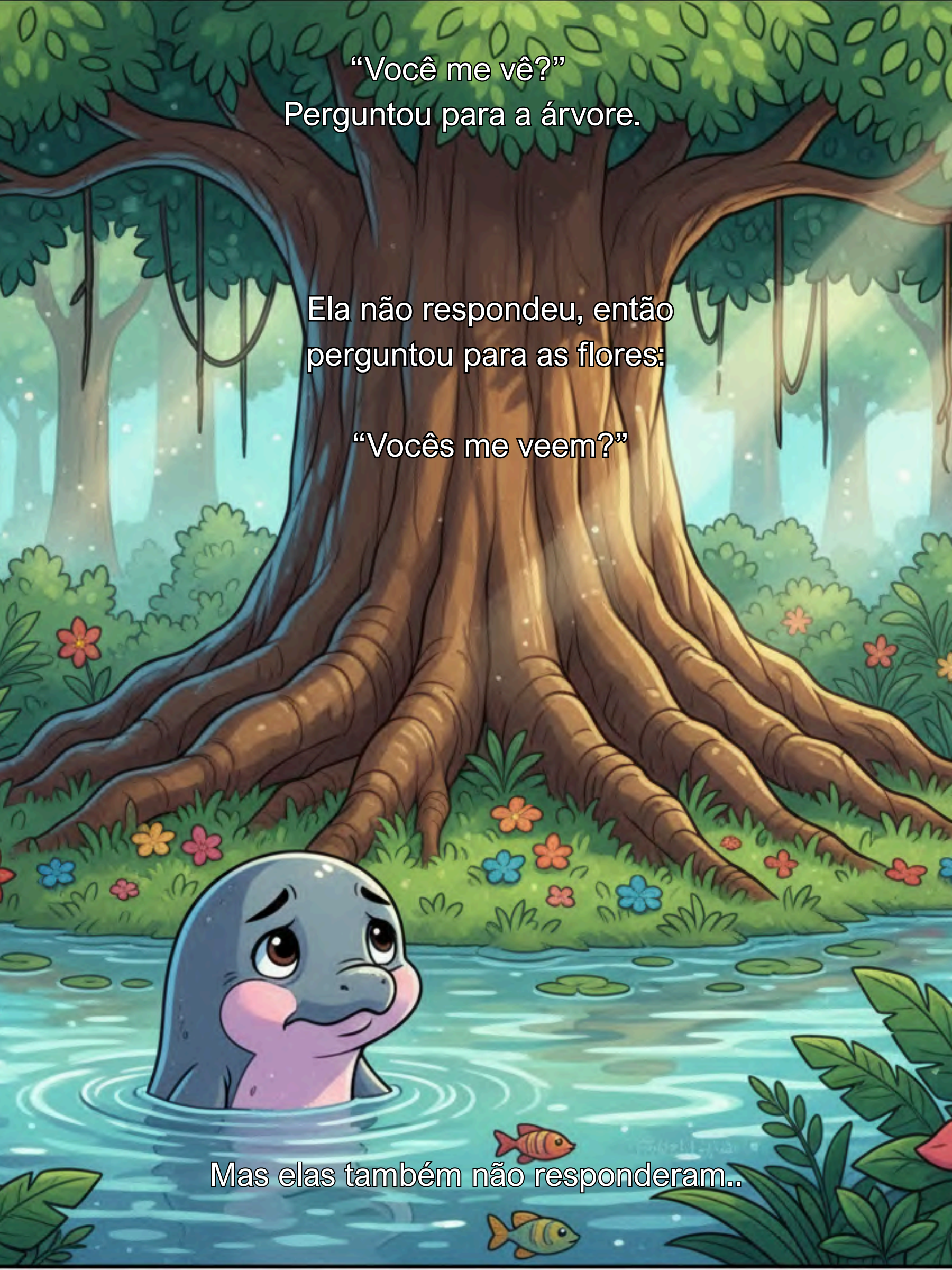


Têco às vezes tinha a impressão de vê-lo caminhar pela margem
do rio em meio a escuridão.

No caminho para escola, ouviu um menino comentar com outro:
“O boto-cinza é especial. Ele guia os pescadores e salva quem se afoga.
Ele é o guardião invisível.”



Mas Têco não se sentia especial.
Sentia-se apenas invisível.
Sentia-se inferior, especialmente
diante dos botos cor-de-rosa.
E com um aperto no coração nadou até Sumaúma, a árvore gigante.

A vibrant, cartoon-style illustration of a lush jungle scene. In the foreground, a small, grey dolphin with a pinkish face and belly is partially submerged in a blue pond, looking up with a sad expression. The pond has lily pads and two small orange fish. In the background, a massive, ancient tree with thick, gnarled roots dominates the center. Sunlight filters through the dense green canopy, creating a magical atmosphere. The ground is covered in green grass and small, colorful flowers (red, orange, blue).

“Você me vê?”
Perguntou para a árvore.

Ela não respondeu, então
perguntou para as flores:

“Vocês me veem?”

Mas elas também não responderam..

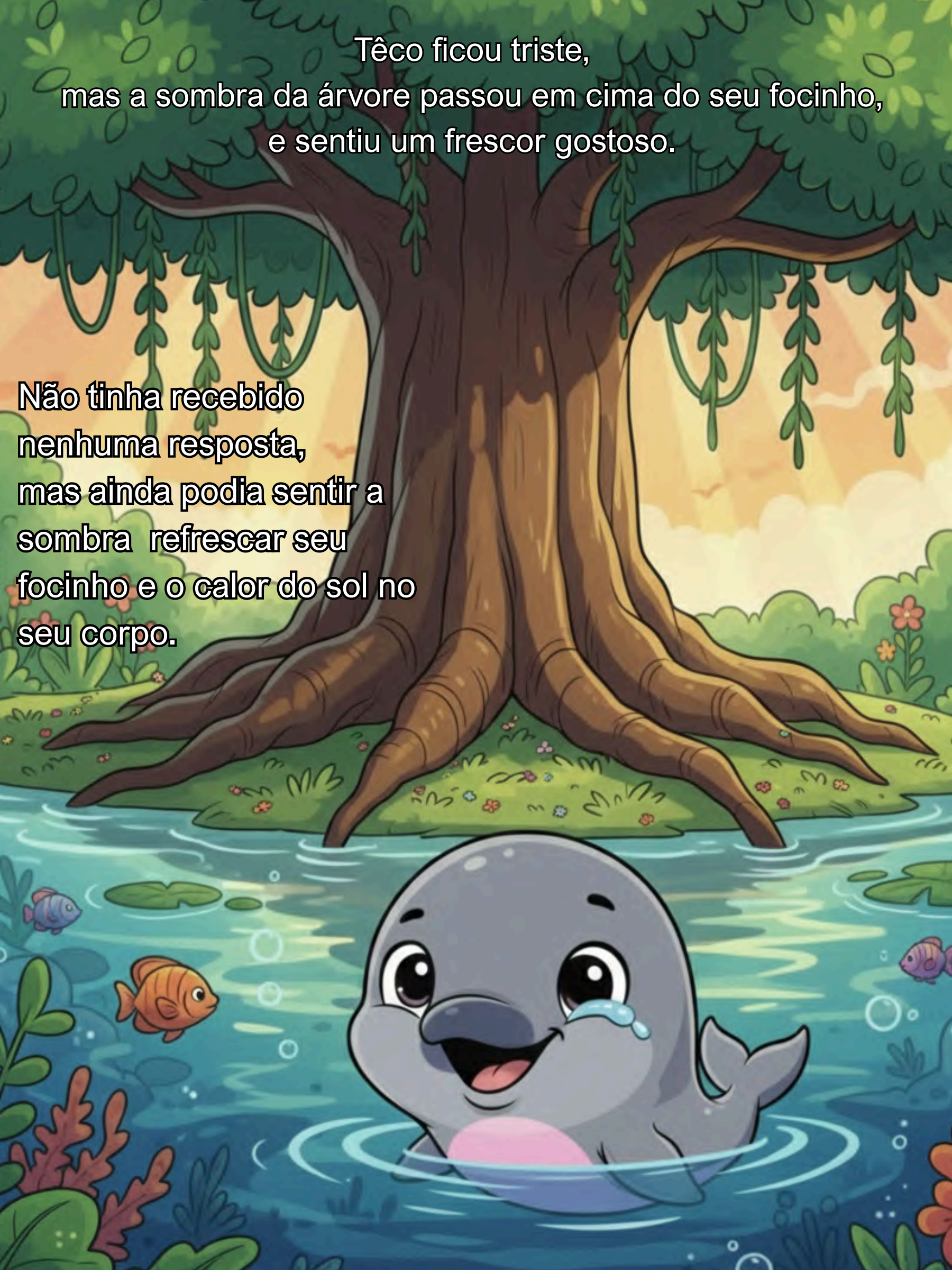
Como você acha que é se sentir invisível e sem respostas que nem Têco?

Você acha que Têco deveria fazer alguma coisa para ser respondido?

Qual você acha que seria a resposta da árvore?

Têco ficou triste,
mas a sombra da árvore passou em cima do seu focinho,
e sentiu um frescor gostoso.

Não tinha recebido
nenhuma resposta,
mas ainda podia sentir a
sombra refrescar seu
focinho e o calor do sol no
seu corpo.



Ao chegar na Escola das Águas, a professora Clarinda
grasnava com sua voz estridente:

“Para ser bom, precisa saltar perfeitamente!”

Têco tentou dar saltos bonitos e perfeitos: mas caiu de barriga
na água.



**O que você acha que aconteceu com
Têco depois de cair?**

Na margem do rio uma menina que observava o grupo, sorriu e disse:

“Que boto diferente! Ele é tão bonito!”



**Como você acha que Têco se sentiu/reagiu
quando a menina reconheceu sua beleza?**

A aula seguinte seria na biblioteca. E iniciou com a professora

Graça lendo uma história:

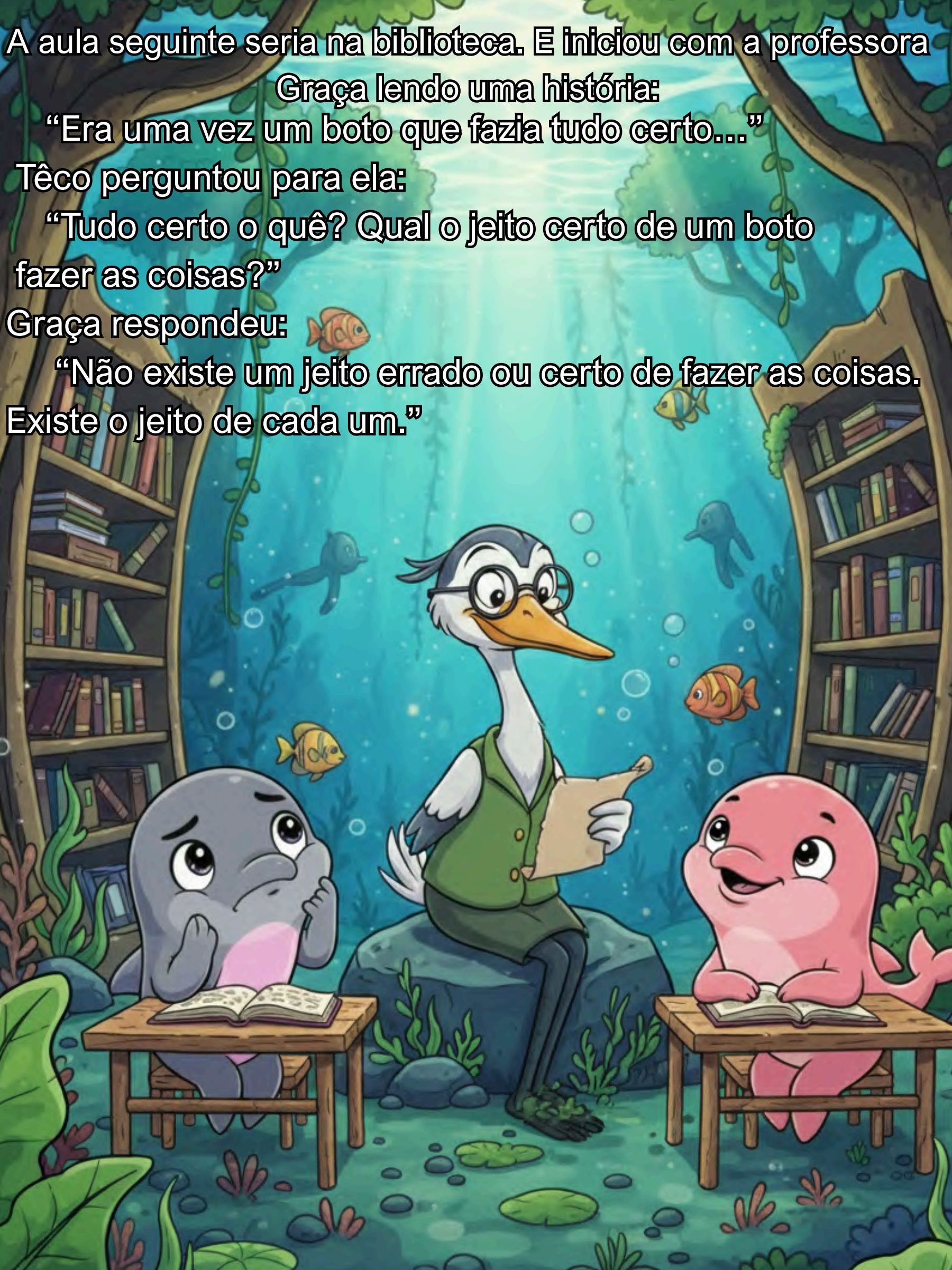
“Era uma vez um boto que fazia tudo certo...”

Têco perguntou para ela:

“Tudo certo o quê? Qual o jeito certo de um boto fazer as coisas?”

Graça respondeu:

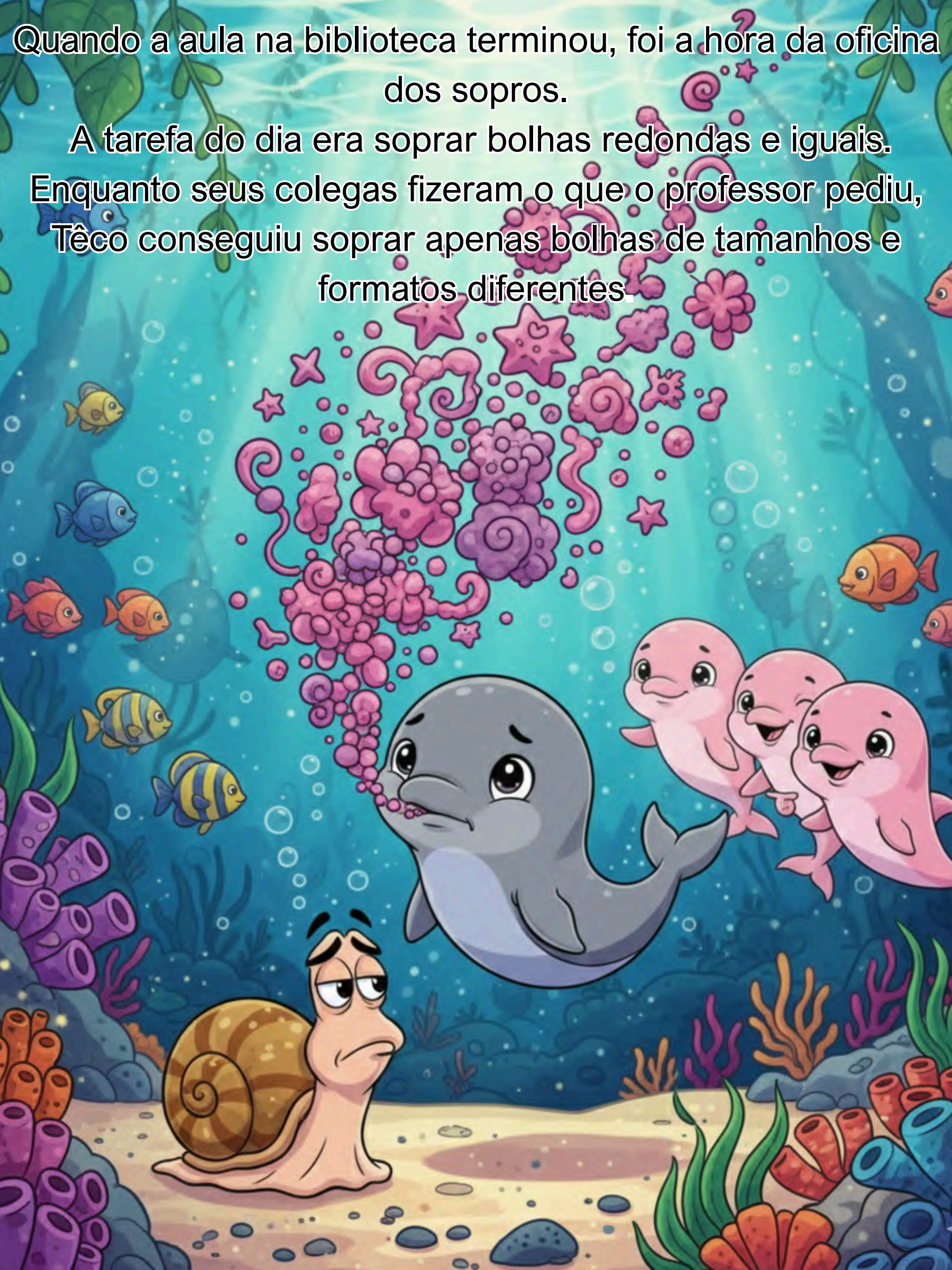
“Não existe um jeito errado ou certo de fazer as coisas. Existe o jeito de cada um.”



**O que você entendeu da frase que professora
Graça disse?**

Quando a aula na biblioteca terminou, foi a hora da oficina dos sopros.

A tarefa do dia era soprar bolhas redondas e iguais. Enquanto seus colegas fizeram o que o professor pediu, Têco conseguiu soprar apenas bolhas de tamanhos e formatos diferentes.



Um Peixe-boi que passava por ali deu cambalhotas e risadas com as bolhas que Têco soprou:
"Que divertido!" Dizia ele.



Têco soprou de novo. E desta vez algumas bolhas saíram redondas junto com as outras.

Ao entardecer, quis fazer um passeio pela floresta encantada que ficava debaixo do rio.

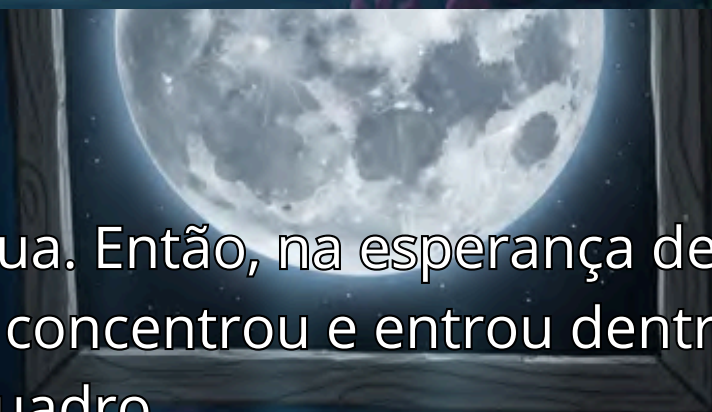


E encontrou atrás de alguns arbustos
uma caverna secreta.

Dentro dela havia um quadro com uma linda pintura da lua. A mais linda de todas.



Têco sempre quis ir para a lua. Então, na esperança de fazer uma viagem ao espaço, se concentrou e entrou dentro do quadro.



Ao chegar do outro lado, uma enorme mariposa pousada em um galho de ipê amarelo, disse com voz suave:
“Sou Jacira, guardiã da mata atlântica.
Venha, Têco. Esta noite você tomará chá conosco.”



Na mesa à beira da cachoeira, cuias de barro com uma bebida dourada, pão de queijo e rosquinhas de nata exalavam um perfume quente e aconchegante. Também havia ali, um lobo sentado.

A bebida dourada tinha um sabor intenso e fresco. Têco elogiou-a, dizendo:

“Que delícia! Parece que estou bebendo a floresta!”

“Eu queria saber de uma coisa: Por que vocês me chamaram aqui?”

O lobo respondeu com calma:

“Ninguém te chamou. Foi a sua curiosidade que te trouxe.”

Têco questionou:

“Mas vocês sabem o motivo de eu não ser como os botos-cor-de-rosa?”

O lobo respondeu:

“Você vêm de um família de golfinhos de água doce. Não há motivos para ser igual a qualquer boto, nem a algum golfinho. Ninguém é igual.”



"Ah...O suco que você tanto gostou, é de buriti. Fruto das veredas do Cerrado. Sem elas, não haveria rio, nem cachoeira. Por falar nisso, preciso ir para casa."



O lobo entrou na cachoeira e a floresta desapareceu. Quando Têco percebeu, já estava em casa de novo, com sua mãe lhe chamando para tomar café.

Ela confirmou que eles vinham
de uma família de Golfinhos e não de botos.



Têco reparou que também não era igual a
seus irmãos, mas dessa vez não sentiu tristeza por ser
diferente, nem por não saber de tudo.

Ainda haviam saltos, bolhas, aventuras,
mistérios e novidades para viver .

Mas agora já sabia:
Sua voz, sua cor e seu jeito tinham valor.
Um valor só próprio.

Na festa das luzes, cantou com Thomas, o macaco
guitarrista.

E o rio segue correndo.
Cheio de segredos e desafios...

Cheio de vida...
Correndo para o próximo capítulo...
Capítulo esse, que só Têco poderá viver.

Depois de tantas descobertas, o que você acha que ajuda Têco a não desistir quando algo não sai como ele imaginou?

Quando Têco quis ser igual, descobriu que cada um tem um jeito único. E você, já tentou ser igual aos outros? Como se sentiu?

Qual parte do Têco que você mais gostou? E qual parte sua você mais gosta?

Se você pudesse escrever outro final para esta história, como ele seria?



Este livro foi produzido na disciplina de
Psicodiagnóstico Infantil da Universidade do Estado
de Minas Gerais (UEMG/Divinópolis) e orientado
pela Profa. Dra. Michelle Morelo Pereira.

